
PARTE III

Depoimentos

ESTADO E LIBERDADES RELIGIOSAS

Transcrição dos depoimentos recolhidos na mesa-redonda
moderada por

Dimas de Almeida

com a participação de

Faranaz Keshavjee - Braga da Cruz - Jonatas Machado - Miguel Portas

realizada na

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Liberdade religiosa, educação e humanismo

*Ideias para um projecto
de Educação Humanista
e Humanitária*

Gostaria de começar por agradecer o convite para participar nesta conferência organizada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias que me foi endereçado pelo Dr. Dimas de Almeida, onde se debatem temas relevantes na agenda política do Portugal de hoje, nomeadamente, a questão sobre o Estado e as liberdades religiosas numa realidade plural onde coexiste uma diversidade variada de gentes com convicções religiosas e não religiosas que convivem todos os dias nos diferentes espaços sociais. É para mim uma honra e um grande privilégio que nesta conferência se tenha optado por ouvir debater uma das várias vozes de crentes que caracterizam este país, como é o Islão experimentado por uma pessoa muçulmana, muçulmana portuguesa. Espero que esteja à altura de discutir questões de relevo e de importância com os restantes participantes notáveis desta mesa e a audiência presente nesta sala.

Começo por dizer que acho muito curioso que se esteja a discutir um tema como o da liberdade religiosa num contexto educacional como este – uma Universidade. E digo isto porque acredito que a escola, o espaço da aprendizagem, tem como fundamento primeiro ser um lugar onde, aliado ao conhecimento científico deva estar associada a educação moral, ou seja, a preocupação constante sobre a eterna diferença entre o certo e o errado que é a alma da educação. Uma Universidade é uma instituição que existe para ensinar muito mais do que o conhecimento que se dá nas salas de aula e a memorização e repetição do que se encontra já escrito nos livros. Uma Universidade, a meu ver, é um espaço de aprendizagem e de ensino, de reflexão e de contemplação sobre os valores e o

**Faranaz
Keshavjee**

*Universidade de Cambridge,
Reino Unido
Faculdade de Ciências Sociais
e Políticas*

conhecimento que farão parte do carácter de um povo e de uma nação. E o carácter de um povo não reside apenas na aprendizagem do que vem nos livros, mas sim requer fundações mais profundas.

A liberdade religiosa poderia ser abordada a partir de diferentes perspectivas. Aliás porque o conceito é amplo e nem sei bem se adapta à realidade portuguesa. Poderia falar do carácter monista, ao invés de pluralista, que caracteriza a laicidade do Estado português, estando o catolicismo em toda a parte; poderia falar da distribuição de fundos para entidades religiosas ou de outro assunto igualmente relevante mas prefiro falar de um projecto que me parece mais promissor e que é o da educação dos jovens desde a mais tenra idade naquilo que são os saberes e os fundamentos de uma nação próspera, humanista e humanitária. E nesta linha de pensamento tenho receio que o termo liberdade religiosa nem seja apropriado ao contexto português.

Tendo passado os últimos sete anos a viver em Inglaterra e sendo portuguesa pela nacionalidade, pela socialização e aculturação dos valores locais, tenho tido a oportunidade de comparar e de estudar pelo menos duas realidades sociais muito contrastantes, a de Portugal e a de Inglaterra. Em Portugal, vive-se uma realidade onde os grupos religiosos minoritários não têm na verdade sentido a falta de liberdade de manifestar a sua fé ou de manifestar crenças religiosas, assim como sucede noutros países, nomeadamente, ao nível da Europa. Se formos até Odivelas ou à outra margem do Tejo, por exemplo, Laranjeiro encontraremos muçulmanos e muçulmanas que se vestem de acordo com as tradições praticadas em alguns países muçulmanos e que frequentam as escolas públicas sem sofrerem algum tipo de repressão pelo menos explícita. São livres portanto. Em Inglaterra ou em França, por exemplo, já vemos que este tipo de procedimento traz implicações de natureza político-social e geram sempre polémica e intervenção do poder do Estado. Em Inglaterra, por exemplo, existem escolas

destinadas apenas a raparigas muçulmanas onde o currículo é desenhado a partir de um modelo islâmico. Este tipo de instituição surge como modelo alternativo ao modelo de escola moderna onde, segundo os muçulmanos, faltam algumas das referências mais importantes para a formação de uma identidade híbrida como é a dos Ingleses de fé muçulmana e ainda por cima de pertenças étnicas contrastantes entre si, e que acima de tudo, segundo dizem os muçulmanos, separa o que constitui o fundamento do Islão que é o da unicidade, o da não separação ou não dicotomização entre o corpo e a alma, entre a vida material e a vida espiritual, lançando para a esfera do privado tudo o que diga respeito à vida religiosa.

Todavia este tipo de soluções, o da criação de escolas islâmicas para muçulmanos e muçulmanas, tem revelado, conforme os estudos mais recentes têm discutido, que este projecto de educação, em que outrora se reclamava o investimento de fundos do Estado para a construção e manutenção das mesmas, não é o mais adequado. Não se tem revelado o mais adequado porque ao invés de permitir aos estudantes um serviço de educação aos desafios do mundo ocidental moderno, para que possam construir identidades de continuidade com o passado e de integração nos tempos modernos, os muçulmanos que seguem este tipo de percurso de educação em escolas islâmicas deparam-se com a triste realidade da desintegração social e, mais grave ainda, da «ghettoização» dos seus grupos. Num estudo recente, sociólogos e cientistas políticos voltaram a questionar os pais das crianças muçulmanas que antes haviam debatido e dito «nós queremos que o Estado subsidie e apoie de facto essas escolas» e perguntaram-lhes vocês continuam a achar que devam existir estas escolas em Inglaterra? Os pais responderam todos que sim. A segunda questão era: «quando o seu filho crescer ou quando chegar a altura da idade escolar você vai lá pôr a sua criança», e eles disseram não. Ora e porque é que não? A justificação que os pais dão é a de

que colocar as crianças numa escola islâmica ou numa escola em que o currículo seja desenhado a partir de modelos que eles achariam que seriam adequados para crianças islâmicas, levaria a um crescente distanciamento da realidade inglesa e a redução de hipóteses destas crianças se inserirem no mercado de trabalho sempre que concorressem ao lado de outros potenciais candidatos. Portanto vemos que se de um lado no ensino normativo vemos falta de referências para uma identificação positiva das suas crenças, ao criarem sistemas alternativos de ensino os muçulmanos poderão deparar-se com a consequente desintegração e exclusão da vida social mais alargada em que participam.

Em Portugal, ainda não assistimos a um debate político tão acérrimo como aquele outro que tem ocorrido em Inglaterra, onde as minorias religiosas e não religiosas advoguem um espaço único para promover um currículo exclusivo e de resposta ao vazio que se tem criado ao nível dos saberes alternativos ou talvez complementares para a formação de uma sociedade pluralista e unida. Oxalá não cheguemos a esse ponto pois eu consigo antever em debates como este a possibilidade de repensar o modelo de ensino onde os agentes da nossa sociedade possam reencontrar-se, falar de si mesmos, construir uma entidade social em harmonia com os desafios de uma sociedade plural diversificada. Tendo em conta que promover um currículo educacional pluralista não significa esgotar todas as potenciais vozes de crentes e não crentes de muçulmanos, judeus, hindus ou outros grupos humanos, pois isso seria um problema sem solução, na minha perspectiva, dada a pluralidade de teologias e interpretações de fé, de ideologias e de dogmas. Seria importante todavia que se pensasse num projecto de educação mais humanista onde em História, por exemplo, se ouvisse falar da História das civilizações que trouxeram os fundamentos da vida moderna, sem negligenciar esta ou aquela fonte essencial, evitando etnocentrismos. Se ao falar de contributos para o pensamento filosófico, para o

pensamento matemático e científico não se deixasse de referir os contributos tão importantes e relevantes para o pensamento moderno com foram alguns notáveis contributos muçulmanos, judeus ou outros. Seria necessário que ao preparar as crianças para o conhecimento com C maiúsculo se lhes desse a oportunidade de conhecer os outros para que desse encontro de culturas e de formas de pensar cada um de nós possa encontrar-se a si mesmo.

À partida este parece um projecto ambicioso ou talvez ambíguo. Falarei aqui de caso que existe e funciona em Inglaterra, que é o instituto de estudos Ismaélis, onde aliás eu me formei. Uma parte da minha formação foi adquirida neste instituto, e sem querer soar o meu próprio trompete, como se costuma dizer, eu falo deste caso não para o apresentar de modo algum como modelo, mas para servir de referência e exemplo, reflectindo acerca de aspectos positivos e negativos. Uso este exemplo para referir o trabalho notável de vários estudiosos e investigadores provenientes de várias Universidades, especializados no estudo do Islão, na procura de um currículo que contemple todas as áreas das humanidades e das ciências sociais para conhecer o Islão nas suas mais variadas e complexas dimensões.

O curso está aberto a candidatos das mais diferentes partes do mundo com formação de base na área das Ciências Humanas. Os Professores convidados provêm de diferentes partes do mundo e possuem formações em variadíssimas áreas de saber sobre o Islão. Assim, por um lado, o ambiente em que se proporciona o ensino e a aprendizagem é logo à partida o do encontro de culturas e de formas de pensar e de aprender o mais variado possível; por outro lado, apesar de ser esta uma instituição fundada pelo líder dos crentes muçulmanos Ismaéli o currículo absorve e difunde para os participantes a possibilidade de conhecerem o Islão nas suas diversas formas de expressão como a arte e arquitectura, [...] independentemente de essas vozes ou expressões serem pró ou contra os Ismaélis.

O resultado deste tipo de abordagem curricular é o de, no final do percurso, cada um dos estudantes poder procurar uma área de trabalho de investigação onde o seu saber, tão geral quanto possível, possa ser utilizado para investigação de assuntos e de realidades particulares, quer ao nível da literatura ou da antropologia ou da psicologia social ou de estudos sobre ética ou arte e arquitectura, entre muitas outras possíveis áreas de aprendizagem. O curso acaba assim por oferecer aos estudantes uma abordagem humanista sobre as mais diversas contribuições das mais diferentes gentes do Islão, sem compartimentar ou enviesar a possibilidade de conhecer.

No contexto em que hoje discutimos este assunto aqui, seria igualmente importante formarmos uma geração informada e formada a partir de valores que outrora conduziram grandes seres humanos a feitos grandiosos, ensinando aos jovens o sentido do sacrifício, o sentido da elevação que traz ao seu acto, aos seus gestos, ao trabalho para com os outros, algo que é sagrado, que é mais elevado que ele próprio, o sentido do voluntariado, da honestidade e a independência do carácter, sem os quais a instrução e o conhecimento perdem o significado. E estes valores, creio eu, serão universais para a ética humana e não se esgotam num só tipo de interpretação, mas nas contribuições de vários pensadores da história humana sendo esses de credos, cores ou de etnias diversas. Ao proporcionar aos jovens desde a mais tenra idade o conhecimento sobre a complexidade e diversidade de povos, culturas e modos de pensar, a escola e a Universidade estão a preparar os estudantes não apenas para perceber que as diferentes disciplinas servem para entender princípios simplificáveis, mas acima de tudo a torná-los a eles e a elas agentes responsáveis na resolução de problemas que preocupam o mundo e a dotá-los de instrumentos de saber que sirvam para a sua inteligência em trabalhos importantes e difíceis que em muitos casos requerem que se vá muito para além das próprias fronteiras do seu país.

Assim, quando digo que em Portugal não faz tanto sentido falar-se de liberdades religiosas é porque acredito que, antes de mais, é preciso que nós trabalhemos no sentido de formar mentes não discriminatórias, que se dê a importância que Ciências Sociais e as Humanidades merecem. E que sobretudo a escola e as Universidades se preocupem em fundar uma estrutura sólida, com conhecimento e humanismo, para que essa liberdade se exprima de forma clara e aberta sempre que haja encontros entre os seres humanos.

Gostaria de concluir esta apresentação recordando um exemplo relativo à época humanista que foi vivida dos séculos IX ao XII, naquilo que se chamava antes a Eurásia, aqui Mediterrâneo, e que incluía Portugal, Egipto e outros partes que chegavam à Ásia. Trata-se de um pensamento ou de um conjunto de ideias que, no fundo, nos servem de modelo, ainda hoje, para pensar o que seria interessante para um projecto de educação, em Portugal, na perspectiva do humanismo. E vou contar-vos esta história, peço desculpa àqueles que já ouviam esta história, uma vez que já a utilizei noutra contexto, mas acho que se adequa muito bem à discussão de hoje. Num dia de Primavera em Bagdad, Abu Suleyman saiu para a estepe à procura de divertimento e de convivialidade com vários dos seus companheiros e entre eles estava um jovem rapaz, rabugento, repulso e abusivo. Apesar destes defeitos ele cantava melodiosamente e com um corpo delicado, uma voz lamentosa, uma entoação melodiosa e uma entrega encantadora. Um grupo de gente elegante e jovem do quarteirão da vizinhança, todos eles muito convenientemente educados, acompanhava este indivíduo. Quando pausaram para retomar o fôlego o rapaz lançou-se para a sua especialidade atingindo o seu máximo; os acompanhantes foram levados ao êxtase e cantaram ritmicamente maravilhados. Abu Zacheid ... disse: Eu comentei com um companheiro inteligente «vês o que esta a ser atingindo com o sentimento da sua voz, o relento da sua melodia e aspiração destas notas musicais?» E ele dis-

se-me: «se este indivíduo tivesse quem o treinasse e o vigiasse e o guiasse para modos harmoniosos e várias melodias ele tornar-se-ia uma maravilha e uma tentação, porque a sua natureza é extraordinária, a sua arte é maravilhosa e ele é extremamente frágil e delicado». Abu Suleyman interrompeu subitamente: «Discute comigo o que estavas a dizer sobre a natureza, porque é que ele precisa de arte, porque nós sabemos que a arte imita a natureza e deseja aderir-se a ela e chegar muito próximo dela porque está por debaixo da mesma. Esta é uma opinião com sentido; a arte só imita a natureza e segue o seu trilho porque o seu nível está por debaixo do da Natureza. No entanto, tu defendes que a Natureza não foi suficiente para este jovem e que ele precisava da arte para que a perfeição resultasse dela e que esta última fosse alcançada com a sua assistência». E os outros responderam-lhe: «Nós não sabemos. É realmente uma questão». «Então pensem um pouco mais» disse Abu Suleyman. E mais tarde eles voltaram e disseram: «Está para além de nós. De facto nós não temos solução para este problema. Poderias fazer-nos o favor de nos dar uma explicação e ajudar-nos a aprender uma lição útil?» E Abu Suleyman disse: «A natureza só precisa da arte no seu lugar no mundo porque é no mundo que a arte recebe o ditado da alma e do intelecto e ela dita para a Natureza e tem-se assente que o nível da natureza está por debaixo do nível da alma e do intelecto e ela recebe as suas impressões, segue os seus mandamentos, assume para si mesma a perfeição, opera pela sua direcção e escreve através do seu ditado. A música surge para a

alma e está aí presente de uma forma subtil e nobre» (a explicação continua, mas não vou alongar-me). De facto o que disse Al-Tawhidi a seguir foi: «Como te somos gratos, Abu Suleyman, por esses presentes resplandecentes, como te louvamos e como louvamos a Deus por estas constantes e úteis lições que ele nos dá através de ti». E Abu Suleyman disse (e eu acho que isto é que é importante ser pensado): «Eu adquiri isto de vós e fui inspirado e guiado por vós». Literalmente, em Árabe ele disse: «Eu penetrei firmemente na vossa pedra e dirigi-me pela luz do vosso fogo. Se o coração de um amigo está aberto a outro, a verdade transmite-se entre eles. O Bem envolve-os e cada um torna-se o suporte do seu companheiro. Um companheiro no seu projecto é um factor potencial no alcance do seu desejo. Não existe nada de surpreendente nisto. As almas acendem-se umas às outras. As mentes fertilizam-se umas às outras. As línguas trocam confidências e os mistérios deste ser humano, o microcosmos no macrocosmos, espalham-se e abundam.

Este exemplo, e para concluir, serve para reforçar a ideia de que o encontro entre povos, gentes, culturas e formas de pensar humanas, não importa se de crentes ou de não crentes se trata, e a partilha das suas experiências e histórias, não vem modificar a minha existência, não vem anular a identidade dos sujeitos, mas é precisamente a partir do encontro com o outro que se torna possível a inspiração das mentes humanas enriquecendo a condição humana para o encontro do bem-estar, do bem-estar comum. Muito obrigada.